

A ILUSÃO REPRESENTADA: MEMÓRIA E INVERDADE EM A NOITE DAS MULHERES CANTORAS, DE LÍDIA JORGE

Nicia Petreceli Zucolo (UFAM/USP/ FAPEAM)¹

Início esta resenha com uma confissão: *A noite das mulheres cantoras* me causa angústia, muito além do que a mera inquietude que – normalmente – os livros de Lídia Jorge me causam como leitora.

Essa confissão inicial fará sentido no decorrer desta resenha, que apresenta o seu novo romance, lançado em março de 2011, pela Editora D. Quixote... ou talvez apenas esboce um sentido, uma vez que “spoilers” sempre roubam a surpresa da leitura.

Começo por aquilo que cativa sinestesticamente o leitor: o objeto-livro, cuja capa texturizada traz a fotografia de vistosas cortinas roxas de veludo, mesclando a cor preta, dando um efeito, a princípio, de luz e sombra, cujo título (e nome da autora) vem em alto relevo. Encimando o nome da autora, a marca que acompanha as publicações da autora pela editora D. Quixote: a serpente voadora de *O dia dos prodígios*.

Passado esse encantamento inicial, o conteúdo: o texto é dividido em vinte capítulos narrados por Solange de Matos, mostrando a formação da banda de cinco mulheres cantoras até a gravação de um disco, ao que se seguiria uma apresentação no Coliseu dos Recreios.

Linearmente, somos apresentados às componentes da banda: as irmãs Alcides, de formação erudita, com dificuldades em se adaptar tanto ao estilo de música quanto de vida, exigidos por Gisela, a líder da banda. É através das irmãs Alcides que Solange chega à Gisela, a *maestrina*, que financia o projeto e conhece as etapas (e bastidores) do jogo da fama, exigindo dedicação total das componentes aos ensaios da banda; obediência cega às suas ordens, que poderiam variar entre o controle de peso das componentes, até a interferência na vida pessoal, determinando término de namoros e a frequência à faculdade. Além dessas quatro mulheres, ainda há a figura imponente de Madalena Micaia, cuja voz é comparada frequentemente à de Mahalia Jackson², mas que não se deixa dominar por Gisela, levando-a, muitas vezes, a dar-se por desesperada, fazer discursos sobre a inutilidade da dedicação de todas, se uma não atender aos seus caprichos.

Aos poucos, vão-se agregando elementos necessários ao bom desempenho do projeto: além da melhoria do espaço físico onde os ensaios acontecem, chega João de Lucena, coreógrafo renomado,

visando preparar as jovens à apresentação no Coliseu. Cativa todas do grupo, mas é com Solange com quem vai ter um relacionamento afetivo, levando-a a mentir para Gisela (pela primeira vez), a fim de proteger o namoro.

Entre ensaios da banda e relances da vida particular de Solange, essa é a sequência da obra até a substituição de Madalena Micaia, o lançamento do disco, a apresentação no Coliseu dos Recreios e o consequente afastamento das personagens, após único álbum gravado.

Narrado assim, nada mais desinteressante... Porém, não é só isso, não apenas em termos de enredo, como da própria construção formal: antes do capítulo "UM", há uma espécie de nota, "Sobre este livro", assinada pelas iniciais LJ, e outro chamado "Noite perfeita", após o qual se sucedem vinte capítulos, para então chegar o "Epílogo para mais tarde".

Vejam: Lídia Jorge, nesta breve nota, diz que lhe chegaram às mãos trinta e quatro páginas, as quais foram "alargadas", transformando-se no romance. Só aqui já há com o que divagar, porém, se acrescentarmos as falsas³ contradições que surgem em poucas linhas, o leitor fica preso nessa página, independente da insipidez do enredo acima descrito – e desconfia do que eu escrevi.

Prosseguindo na tarefa de eliminar o enfado causado pelo meu resumo (firme no propósito de não trazer "spoilers"), considero o epílogo, que ficará para mais tarde, mesmo, pois antes falarei da "Noite perfeita". Se o potencial leitor continua achando que a fabulação é apenas aquilo que está acima, lembro que a narradora é Solange de Matos, a qual chega à conclusão de que "viver é atraiçoar. Sobreviver implica trair" (JORGE, 2011, p. 184) e é pelos olhos dela que acompanhamos a história.

Pelos olhos dela, deparamo-nos com quatro jovens (ela incluída) cujos pais foram expulsos das colônias, e com uma africana, que não tem tempo de dedicar-se à banda, pois trabalha para sustentar a família... não posso deixar de me incomodar com o fato de que a melhor voz, a voz que carregava as canções, foi o corpo substituído depois de gravado o LP. Solange de Matos podia ser inocente, afinal, tinha dezenove anos quando foi cooptada pelas irmãs Alcides a compor as *lyrics* para o grupo... foi seduzida pelos discursos de Gisela, e – enquanto nos revela a trajetória da banda – sabe... sabe que foram manipuladas e usadas pela *maestrina*: "eu sabia, eu conhecia Gisela Batista [...] . Eu só me perguntava onde iria Gisela buscar aqueles discursos tão sólidos. Em que colégios teria estudado?" (JORGE, 2011, p. 255). A resposta para a pergunta que se forma, se a inocência – de

fato – existiu, está no livro: não serei eu a antecipá-la, e não se deixem enganar pelo que leem agora.

Pelos olhos dela, assistimos ao reencontro do grupo, vinte e um anos depois, num programa saudosista de TV, na “noite minuto”, “noite perfeita”, noite que “durara duas horas e meia. Envolvera vinte e cinco técnicos, seis câmaras, um homem entretém, cinco cantoras distintas” (idem, p. 15). O ambiente de espetáculo é bem conhecido de Gisela, que avisa às antigas companheiras de grupo: “não se admirem do que possa ocorrer. Naquele meio, tudo o que for eficaz para ser perfeito, não poderá deixar de ser extremamente rápido” (idem, *ibid.*).

Antes de prosseguir, não posso me furtar a trazer um breve comentário de Guy Debord acerca da sociedade do espetáculo, o império minuto, aparentemente marcando mais uma oposição no texto de Lídia Jorge, afinal, “ainda que ocupassem mais de meia hora, na percepção da assistência, cada prestação deveria parecer não durar mais que um segundo” (id., *ibid.*); a oposição se desenha porque estamos num romance sob a égide da memória: como lembrar, nesse novo império? A própria narradora entende que

os elementos mais comezinhos e banais assum[em] proporções extraordinárias. É preciso esquecê-los. Contados, resultam patéticos. Vividos, inesquecíveis. Em suma, não podem ser referidos. Tal como na Noite Perfeita. Tudo deve terminar rápido, sem consequências. Ainda que, na minha memória sobre o que se passou há vinte e um anos, eles girem num círculo infundável (idem, p. 227).

Guy Debord (1997) afirma que a alienação é consequente do modo capitalista da organização da sociedade, o qual assume novas formas de reificação da vida. Contemporaneamente, o espetáculo é uma forma de dominação, das mais insidiosas.

Aqui, a resistência, talvez, seja a manutenção desse círculo infundável, do qual faz parte, não só este romance, mas toda a obra de Lídia Jorge, sempre provocativa.

O epílogo? Realmente fica para mais tarde, pois a história de Solange de Matos e Gisela não tem um final, sequer esboçado. Qualquer coisa a mais que se queira sobre enredo é da sua responsabilidade, leitor, fazendo aquilo que melhor lhe cabe: ler o livro.

